

Antes da inauguração da nova capital, uma das poucas diversões era assistir ao Cine Grátis, um caminhão vindo de Belo Horizonte, que exibia filmes na Cidade Livre



José Rezende Jr.
Da equipe do **Correio**

Enquanto o Magro, meio sem querer, infernizava a vida do Gordo, e Carlitos, o vagabundo, inventava artimanhas para matar a fome, dona Sarah e as filhas Márcia e Maristela riam na sacada do palácio da Liberdade. Juscelino, chefe da família e governador de Minas, preferia assistir lá embaixo, no meio daquele povo que Márcio Quintino reunia aos domingos na praça da Liberdade, em torno do caminhão que era um cinema itinerante. Anos depois, dona Sarah, Márcia, Maristela, Márcio Quintino e o caminhão do Cine Grátis trocariam Belo Horizonte pela cidade que ia brotando aos poucos da terra vermelha do Planalto Central, regada pelo sonho do homem sorridente que gostava de ver cinema no meio da praça e do povo.

Brasília faz 40 anos no próximo dia 21. O Cine Grátis comemorou 50 no ano passado, com justas homenagens rendidas pelo governo e pelo povo da capital mineira. Corria o ano de 1949 quando Márcio Quintino dos Santos resolveu criar um cinema sobre rodas que sobrevivesse exclusivamente dos anunciantes, estacionado cada dia da semana numa praça do centro de Belo Horizonte. E inventou o Cine Grátis, que por tantos anos encantou a cidade e a família Kubitschek.

Em fevereiro de 1960, o criador resolveu levar a criatura para Brasília. A capital estava ainda em construção quando o caminhão Chevrolet Gigante 1950, depois de quase um dia de viagem, estacionou na noite de poeira e estrela da Cidade Livre e projetou na tela branca o círculo amarelo com as letras vermelhas que formavam a frase mágica: "Cine Grátis apresenta". E naquela noite, o Cine Grátis apresentou Carlitos e o Gordo e o Magro para 500 candangos encantados, que aplaudiam como se Charlie Chaplin, Oliver Hardy e Stan Laurel estivessem em carne e osso no meio deles, encurtando a solidão do cerrado.

Antes da sessão, a quase frustração do sonho: o motor a gasolina não conseguiu fazer funcionar o projetor. Foi preciso puxar energia de algumas das lojas de madeira da Cidade Livre. E fez-se, então, a luz, ainda que às custas de um blecaute parcial na região, provocado pela sobrecarga. Mas quem se importava com isso?, se poucas vezes naquelas paragens a escuridão teve assim tanto brilho...

Márcio Quintino chegou a Brasília antes de seus espectadores mais ilustres, os Kubitschek, e antes mesmo de seu cinema ambulante. Contador e auditor por profissão, chegou em 1958, não para fazer o que mais gostava na vida — exibir filmes de graça —, mas para trabalhar na fiscalização das obras. O Cine Grátis ficou em Belo Horizonte, nas mãos dos sócios.

Márcio Quintino veio nas asas de um DC-3 da Panair. Era junho. Ele se lembra bem da secura do ar, os redemoinhos, os lenços que os construtores amarravam no rosto para não sufocar com a poeira vermelha e fina, o canto das siriemas entreouvindo nos breves

momentos em que os tratores, os guindastes e os caminhões interrompiam a sinfonia da cidade em construção. Ele se lembra bem do "encantamento do Planalto Central", e, especialmente, das tardes tristes.

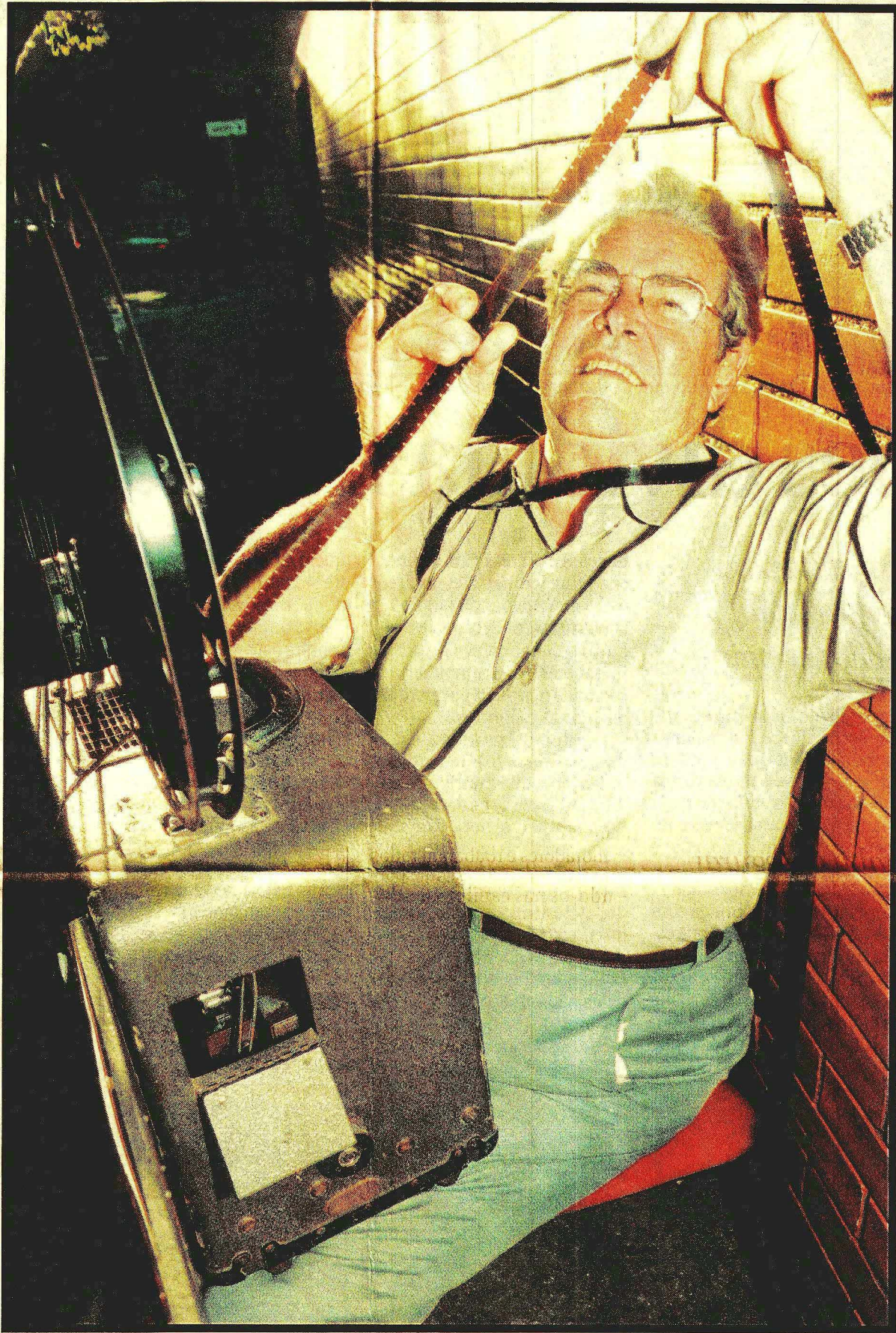
"Era quando eu chorava. A tristeza daquelas tardes... O sol ia se pondo muito, muito longe, parecia que a tarde caía em cima da gente. A sensação era a de estar perdido num imenso espaço vazio", tenta descrever hoje, aos 75 anos, há muito de volta à Belo Horizonte natal.

Naqueles dias remotos restava o trabalho como antídoto às tristezas vespertinas. Juscelino, lembra Márcio Quintino, visitava as obras com frequência, a qualquer hora do dia ou noite. Houve uma noite em que o presidente da República dizia palavras de incentivo aos operários que construíam a Rodoviária quando o motor parou de produzir luz. Márcio Quintino iluminou o rosto do presidente com um isqueiro, até as mãos começarem a queimar. JK percebeu e encurtou o discurso: "Ó Márcio, apaga aí esse fogo e toca sua gaita, só". Ex-músico da orquestra de gaitas Os Organistas Vocais, que animava bailes na Belo Horizonte dos anos 40, ele sacou a gaita e tocou, como faria muitas outras vezes nos canteiros das obras, com ou sem a companhia do presidente: "Encosta tua cabecinha no meu ombro e chora"...

Márcio Quintino é a terceira geração de uma família que, com maior ou menor intimidade, conviveu com JK. O avô, Antonio Quintino dos Santos, era chefe dos Correios e Telégrafos, nos anos 30, quando o jovem Juscelino trabalhava como telegrafista. O pai, o engenheiro Benedito Quintino dos Santos, foi diretor do Departamento Geográfico e Geológico de Minas quando JK governava o estado e ambos compartilhavam o entusiasmo pela construção de Brasília.

Márcio Quintino e Juscelino estavam, assim, unidos pela amizade ancestral, mas também pelo Cine Grátis, que participou das campanhas de JK ao governo de Minas e à Presidência da República, intercalando cinema com propaganda do candidato. E havia, também, o fato de que Juscelino adorava assistir ao Cine Grátis

Ricardo Borba



O mineiro Márcio Quintino com o projetor original usado nas primeiras exibições do Cine Grátis, ainda em Minas

nas sessões de domingo na praça da Liberdade. Por isso, deu o aval quando Mário Quintino resolveu botar na estrada, rumo ao Planalto Central, o caminhão com o projetor na carroceria.

Quintino, no entanto, preferiu passar o empreendimento para a frente, quando sentiu que era hora de voltar para casa. Ele havia chegado sozinho, de avião. Depois, embarcou com a mulher, Irene, e os então quatro filhos (hoje são cinco) na DKV-Vemag azul, para a viagem de 26 horas de Belo Horizonte até Brasília. Mas a família nunca haveria de se adaptar àquela mistura imprecisa de canteiro de obras e casulo do qual, em breve, nasceria a cidade com asas.

Depois da sessão inaugural, Márcio Quintino ainda promoveu mais três sessões do Cine Grátis na Cidade Livre, outra em frente ao Brasília Palace, e uma última perto da Igreja, na 108 Sul, antes de entregar o velho caminhão ao novo proprietário, o jornalista Carlos Rodrigues, do *Diário Católico*, e voltar para Belo Horizonte. E voltou sozinho, sem o Cine Grátis, sabendo que, com a chegada da televisão, o cinema ambulante estava condenado a deixar as ruas para entrar em definitivo na história e na memória dos cinéfilos que namoraram, noivaram e casaram com as bênçãos daquele caminhão em cuja carroceria cabia todo tipo de sonho.

Em Brasília, Márcio Quintino deixou o Cine Grátis, que ainda animaria as noites da nova capital por mais um ano. De Brasília, levou um pequeno tesouro todo feito de lembranças, que guarda da ferrugem do tempo numa caixa de madeira onde antigamente havia um faqueiro de aço inoxidável ganho no dia do casamento.

O tesouro do faqueiro faz parte do Arquivo Memória Márcio Quintino dos Santos, instituição sem sede, sem estatuto, sem diretoria, sem apoio de ninguém, mantida viva apenas pelo entusiasmo do homem que renega o esquecimento. Há fotografias, como a que mostra o jovem Márcio Quintino entre guindastes e esqueletos de prédios, ajoelhado na avenida esburacada e lamacentada batizada com letra e número: W3.

Há a lista telefônica de 1960, com não mais que três páginas e meia de assinantes (a letra A tem apenas 45 nomes, e a Z, uma solitária Zubic, Ivana), e o programa das solenidades de inauguração da cidade, que começa assim: "Dia 21 de Abril (quinta-feira). O,30 hs: Bênção de Brasília por Sua Eminência Reverendíssima o Cardeal Dom Manuel Gonçalves Cerejeira, Legado Pontifício".

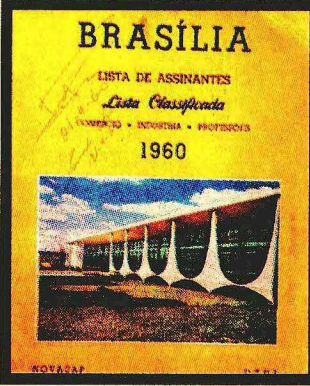
Há, também, a lista oficial de hóspedes do Brasília Palace Hotel do dia 21 de abril de 1960, na qual figuram o então vice e futuro presidente deposto, João Goulart, que estava no apartamento 101, e o cineasta Frank Capra, no 109.

História à parte é contada pela coleção de jornais, como a edição especial dos *Diários Associados* de 21 de abril de 1960, que estampa na primeira página: *Brasília Amanhece*. Dentro, uma exaltação ao trânsito, que o futuro haveria de desmentir: "Simplesmente revolucionário, o plano de Lúcio Costa prevê um grande centro urbano, sem congestionamento de tráfego, onde o índice de acidentes será reduzido ao mínimo". Há, também, exemplares de *A Tribuna de Brasília*, que desde 1957 acompanhava o dia-dia da construção. A edição de 8 de novembro de 1959, por exemplo, tem na capa o anúncio: "Faltam exatamente 165 dias para a transferência da capital". E a manchete: *Operário Come o Pão que o Diabo Amassou*, denunciando a jornada de 12 horas de trabalho e a má alimentação. Como "prova do delito", a reportagem fala de uma "pequena e imunda marmita, dentro da qual só existia pouco feijão e arroz, de aspecto repugnante, sem sal, sem gordura e sem tempero".

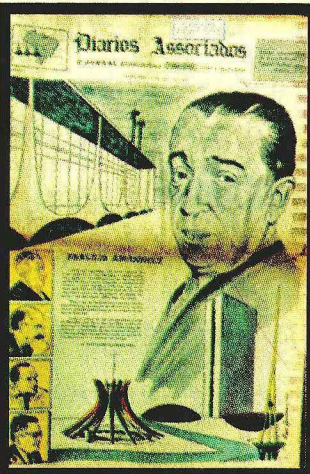
O tesouro não tem preço, mas está à venda para quem se disponha a cuidar dele com o carinho que merece. Márcio Quintino acha que fez sua parte: guardou, por 40 anos e a mais de 700 km de distância, um pedaço da história de Brasília. Márcio Quintino fez mais do que isso: escreveu, com imagens em movimento que faziam rir os operários cansados da cidade em construção, um pedaço da história de Brasília.

ACERVO HISTÓRICO

Arquivo Memória Mário Quintino dos Santos



A primeira lista telefônica, só com três páginas e meia



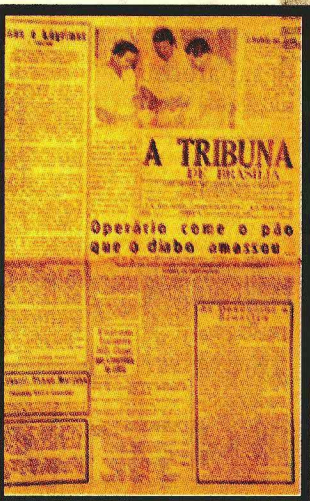
Suplementos dos Associados para saudar a nova capital



Slide de apresentação do Cine Grátis exibido antes dos filmes



Durante as sessões, o slogan agradecia ao público presente



Antes mesmo da inauguração um jornal estava instalado



Coleção de selos carimbada no dia da inauguração



Logotipo do primeiro hotel, destruído por um incêndio